

**PRÁTICAS DOCENTES AMOROSAS: ANÁLISE NA CONCEPÇÃO FREIREANA DE UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL PATRICK MARCHON PORTAL - RJ
(2006 – 2012).**

**LENINE DAVID DA CRUZ CARVALHO
JAUNILSON FRANCISCO DA CRUZ
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, RIO DE JANEIRO – RJ, BRASIL.**
jau.f.cruz@hotmail.com

O interesse pelo tema provém do fato de ser uma professora, responsável, estudiosa e amorosa e ter nascido em uma família de professores: pais, tios paternos e maternos, que valorizam a educação com amor. Minha primeira turma foi num bairro periférico de nossa cidade, lidando com crianças pobres, abandonadas pelo poder público, numa comunidade carente e sem perspectivas. Ali vi a diferença entre os livros e a realidade, mas deparei-me com uma realidade interna presente em mim: eu havia escolhido a profissão certa. Apesar das dificuldades, como falta de material didático e uma infraestrutura precária na escola onde atuava, jamais me faltara amor por ensinar. Fiz-me docente por amar profundamente minha profissão e acreditar no poder transformador e na ação política que a Educação é capaz de promover.

Este projeto de pesquisa emergiu da necessidade de ressaltar as práticas pedagógicas na concepção freireana, presentes nas salas de aula de todo o país.

A pesquisa segue o viés qualitativo, com metodologia baseada no procedimento: relato de experiência. O propósito é evidenciar por meio de experiências pessoais, o quanto são valiosas as práticas docentes amorosas. Os professores passam por inúmeras dificuldades em todo o país, muitas vezes apanhando de policiais, como tem sido noticiado na atualidade, pois reivindicam uma educação de qualidade e melhores salários. Apesar da maneira como estão sendo tratados, ainda têm na profissão, sua maior arma contra este sistema corrupto e injusto. Em meio a tantas adversidades, os docentes não podem se deixar contaminar pelos maus tratos que sofrem. Tarefa difícil, pois os docentes também são sujeitos da ação educativa, eles transformam e são transformados, porém devem ter consciência do seu papel formador amoroso. Ser amoroso não deve inviabilizar o alargamento da consciência crítica. Não se pode compactuar com a serviência e as atrocidades que governantes praticam e, portanto, se neutralizar quantos aos acontecimentos políticos, econômicos e sociais que ocorrem em nossa sociedade de forma pacífica, ao contrário, devem amorosamente analisar os fatos com os alunos, é instrumentalizá-los para que possam modificar o curso de suas próprias histórias, de suas comunidades, do país e do mundo.

O presente trabalho teve como objetivo analisar a amorosidade numa perspectiva freireana, relacionando-a as práticas cotidianas no contexto da Escola Municipal Patrick Marchon Portal, anos de 2006 a 2012, identificando na concepção freireana o significado de práticas docentes amorosas e listando características que significam a prática docente amorosa na concepção freireana. Além disso relacionou as práticas docentes e a amorosidade no processo ensino-aprendizagem dentro do cotidiano da Escola Municipal Patrick Marchon Portal-RJ.

A partir da realidade por mim vivida como professora, tenho observado que, em geral os professores expressam frieza e desinteresse pelo exercício em sala de aula. Há quase um sentimento de desprestígio por dar aulas, sobretudo quando essa prática se dá nas séries iniciais do Ensino Fundamental ou na Educação Infantil. Expressam frequentemente frustração, desestímulo e tristeza por estarem dando aulas. Existem aqueles que dizem claramente: “Sou professor porque não tive uma opção melhor.”, ou “Eu detesto ser professor”, etc. Outros fazem a sua declaração velada dizendo que não sabem dar aulas, que estão cansados, que não têm

tempo para se planejarem. Falta paixão, falta afetividade, falta significado à prática docente, acrescidos de políticas públicas ineficazes e insuficientes para o bom exercício da prática docente.

Paulo Freire (1993) nos deixou seu legado de que à prática docente não pode faltar a amorosidade. Segundo o autor, “sem a qual o seu trabalho perde o significado”. Muitos professores têm uma prática docente sem significado para si e para seus alunos. Isso porque a falta de amorosidade acarreta-lhes uma prática vazia. E aqueles professores que insistem numa ação pedagógica diferente, são, por vezes, ridicularizados por seus colegas. Ovi inúmeras vezes, na sala dos professores, entre um cafezinho e outro, grande parte dos docentes queixando-se de que seus alunos são desinteressados, que não demonstram iniciativa, organização, desejo de aprender. Entretanto, esse mesmo professor que reclama é aquele que não se organiza, e não tem o menor desejo em ensinar.

Compreendo que a luta por uma educação de qualidade é justa e que os entraves do dia-a-dia podem, sim, desestimular o professor, mas é numa prática educativa amorosa que o educador encontra as reservas de que necessita para continuar sua prática docente, pois devo confessar que, sem nenhuma cavilação, não acredito que, sem uma espécie de “amor armado”, como diria o poeta Tiago de Melo, educadora e educador possam sobreviver às negatividades de seu que fazer. (Freire, 1993p. 53)

A prática docente é, sobretudo, uma prática de amor. Não como algo raro, utópico e sem ação, todavia como uma ação possível e inerente ao educador que, efetivamente compreende a importância de seu papel para a sociedade. O amor (ou amorosidade) não caminha na contramão da razão, do desenvolvimento humano, mas completa-os e lhes confere real significado, pois a prática pedagógica deve ser assim compreendida.

Paulo Freire incita-nos a perceber a prática pedagógica, sobretudo como uma prática amorosa. Este, sem dúvida é o maior desafio de Educação nesse século: resgatar os desejos, a alegria, contidos dentro da amorosidade pela prática educacional. Muito deve ser feito e numa perspectiva freireana. Acredito que a educação é feita por gente e para gente em constantes mudanças e por isso mesmo pronta a promover transformações em si e nos outros mutuamente.

Para transformar, a si e aos outros é preciso, antes de tudo, romper. Romper com paradigmas, romper com o medo. Mas, afinal, de quê os professores têm medo? Vejo em minha realidade que muitos professores demonstram medo por expressar a afetividade. Entendem que ao fazê-lo expressam, na verdade fraqueza e correm o risco de perder a autoridade dentro de suas salas de aula. Não podem errar ou emocionar-se, coisificam-se, em nome, acreditam do controle da turma.

Entretanto ensinar exige coragem, como nos aponta Freire (1996), “coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa [...]” (p.141). A aquisição desse saber, como Freire (1996) denomina, o de querer bem, não é fácil a nenhum professor, pois coloca em xeque, para muitos, a seriedade de sua prática. Exatamente, por isso, vejo diariamente, colegas aconselhando uns aos outros sobre nunca, em nenhuma hipótese, dar “confiança” aos seus alunos e é aí, que perdemos a oportunidade de conquistá-los, de aprender com eles e de lhes proporcionar uma aprendizagem significativa e humana, pois “O educador [...] precisa estar convencido como de suas consequências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana”. (Freire, 1996 p.143).

Não que o professor consiga querer bem a todos seus alunos da mesma forma, mas quando se permite querer bem, demonstra como nos ensina Paulo Freire (1996) que “A afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.” (p. 141). Por isso, um educador comprometido com seus alunos necessita também aprender a querer bem, sem a insegurança

de perder a credibilidade ou a autoridade, ou ainda o compromisso ético em educar, privilegiando um ou outro nas avaliações, por exemplo, porque a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996 p.141).

O educador precisa aprender a amar, permitir-se ser amado. Amar ser professor, amar estar em contato com seus alunos, independente da modalidade para qual ensine. Permitir que o aluno lhe tenha carinho e afeição, sem parecer ridículo ou fraco. O professor precisa se encontrar em meio ao nosso sistema tão corrido, desrespeitoso e cruel, por compreendermos que “É digna de nota a capacidade que tem a prática pedagógica para despertar, estimular, desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido.” (Freire, 1996 p.142) E ao retomarmos o sentido da prática que exercemos, ao compreendermos o papel e a importância que temos para a transformação social, podemos lutar “[...] politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como o zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos.” (FREIRE, 1996 p.142)

E como parte do fazer docente, buscar conhecer, aprender, capacitar-se intelectualmente, estudar, sonhar, enfim viver, afinal, consoante Freire (1996, p. 145-146). Como prática estritamente humana, jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática docente como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

Dessa forma poderemos tentar mudar todo o status de desprestígio que a profissão docente carrega atualmente e conseqüentemente fazer da escola um espaço mais feliz, mais atrativo e muito mais humano e humanizador.

Cumprir ou resgatar a amorosidade na prática docente exige o exercício de perceber-se professor, identificar-se, envolver-se e incorporar tal identidade. Afinal, é preciso perceber-se professor para atuar como tal.

Numa sociedade em que a profissão de professor tornou-se tão desprestigiada, faz-se necessário resgatar sua importância e o seu valor. Temos noticiadas nos meios de comunicação professores sendo agredidos por policiais, criminalizados, humilhados.

Ser professor implica numa identidade que vem arraigada de significados, paradigmas e estereótipos. Muitos desses tão desagradáveis que às vezes não há prazer nenhum em declarar que se é professor. É como se, a imagem do professor, seu reflexo na sociedade estivesse distorcido, como naqueles espelhos que vemos nos parques de diversões. Ora maiores do que somos, ora menores, etc. Uma imagem que nunca reflete exatamente quem é o professor. O ser humano que se encontra não por detrás da nomenclatura, mas na nomenclatura de ser professor. Piadinhas como “não me assalte, sou professor” ou frases do tipo “Você é professora, coitada!”, não refletem nosso papel na sociedade, não reflete quem o professor é, são imagens distorcidas. Ser professor é mais do que isso, é além, muito, além disso. Porém, como expressar a amorosidade se nossa identidade enquanto profissionais está se perdendo? E quanto menos é o grau de escolaridade para quem se dá aula, menor parece ser o valor e a importância daquilo que fazemos. “É urgente recuperar -lhe a imagem, devolver-lhe o orgulho de uma profissão imprescindível a qualquer sociedade culta e democrática. Não estou falando apenas de maiores salários ou de melhor formação. Revalorização da imagem é questão de respeito e dignidade.” (Demo apud Hoffmann, 2013 p. 25), pois “É como profissionais idôneos - na competência que se organiza politicamente está talvez a maior força dos educadores - que eles e elas devem ver-se a si mesmos e a si mesmas.” (Freire, 1996 p.40). Respeito e dignidade devem ser prestados ao professor (e a qualquer ser humano), independente se ele atua na Educação Infantil ou no Ensino Superior e apesar de serem

elementos raros, são indubitavelmente importantíssimos para manter a profissão docente, afinal, ser professor atualmente é coisa rara. Bom professor então está quase extinto.

A identidade do professor tem sido distorcida, porque o capitalismo desenfreado tem transformado pessoas em coisas e conferido às coisas status de pessoas. Assim, o carro precisa ser o mais novo, a casa a mais equipada, cuidamos das coisas, negligenciamos as pessoas. Estamos nos desumanizando porque,

A humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO apud ROSEVERE, 2011 p.32).

As profissões são medidas pelos salários (preço). Quanto mais alto o salário que se recebe, melhor é a profissão. Na área da Educação não é diferente, ser professor tornou-se ruim por causa dos baixos salários que remuneram essa profissão. A luta travada em busca de melhores condições salariais e de trabalho é justa e pertinente, porém não deve ser este o motivo que justifica a falta de amor àquilo que fazemos. Deixamos de buscar os valores, para nos empenharmos pelo preço. Rosevere (2011) conscientiza-nos que, essas duas palavras, embora pareçam sinônimas, acabam por terem, se analisadas mais profundamente, significados bem diferentes.

Somos seres únicos e precisamos deixar fluir aos nossos alunos mais do que os conteúdos, técnicas e metodologias. Mesmo que de forma inconsciente, o professor age como vítima das circunstâncias e nega ao aluno o direito de uma Educação feita por pessoas e para pessoas. É preciso que haja uma mudança urgente, uma mudança “[...] que não está somente na esfera dos conteúdos e das metodologias, mas principalmente, nas relações que se estabelecem na arte de ensinar e aprender.” (Rosevere, 2011p. 40). Somente quando deixarmos de agir como coisas, extrairemos o melhor das pessoas. Uma educação que privilegia os valores ao invés do preço, do dinheiro, do lucro é capaz de transformar. Pois como postula Rosevere (2011 p.43) “da escola tem que sair gente de valor, cujas ações gerem reflexos positivos para a construção de um mundo melhor para todos.” Nossas salas de aula precisam ser lugares prazerosos para nossos alunos e para nós mesmos, para que nossos valores, bem estabelecidos, humanizados e humanizados possam ultrapassar a lógica do mercado e valham mais para nossos alunos. É preciso despertar a vida que pulsa no interior de nossas escolas, sorrir, chorar, amar, ser gente. Precisamos parar de descartar os outros e a nós mesmos, fazendo com que possamos nos desenvolver, afinal “desenvolver-se é, basicamente, transformar-se”. (Rosevere, 2011p. 47). E transformando-nos tenhamos uma educação melhor, uma escola melhor e porque não, um mundo melhor, mais justo e igualitário.

O diálogo é ação imprescindível de uma educação amorosa e é no diálogo que nos humanizamos, pois “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas no trabalho, na palavra, na ação-reflexão.” (Freire, 1987 p. 44). Mas, quantas vezes falta o diálogo nas salas de aula? Afinal num diálogo falo e sou ouvido, ouço e deixo falar. O diálogo, como já disse é (ou deveria ser) de caráter horizontal. Não há opressão ou manipulação numa educação dialógica (Freire, 1987). Infelizmente, o que temos em nossas escolas, é o silêncio, que denota indiferença, medo, julgamento, ou o monólogo em que só uma das partes (na maioria das vezes o professor) fala e ainda, há gritaria, de quem só quer falar e por estar distante precisa gritar. Não falo aqui de distância literal e geográfica, mas da distância em que o professor grita, não porque quer ser ouvido, mas porque quer impor sua fala. Do aluno que grita com o professor ou com os seus colegas. E dessa forma, um grande abismo se perpetua nas relações estabelecidas nas escolas afora, por anos e anos. Por consequência, não ensinamos aos nossos alunos o poder do diálogo e ainda reclamamos quando nos sentimos “desrespeitados”

por eles. Quando na verdade não exercemos o diálogo, porque só no diálogo há respeito e este é mútuo. Da mesma forma, enquanto educadores, buscamos o diálogo com nossos governantes e muitas vezes não somos ouvidos, restando-nos, mais uma vez o silêncio, o monólogo e a gritaria. E esse ciclo vai se repetindo, numa sociedade em que o diálogo está quase que banido, nas escolas, nas casas, entre pais e filhos, professores e alunos, professores e professores, etc. Essa é a palavra verdadeira, que não pode ser contida pelos títulos e posições. Não difere professor e aluno, operário e patrão. É no diálogo que nos encontramos como seres humanos (Freire, 1987) e, como nossas escolas precisam desses encontros! Encontros entre aluno e professor em que os olhares não precisam ser controlados, onde há a liberdade de errar e acertar, de construir junto. Esse é um diálogo consciente, transformador, não mecanizado.

Entretanto, o diálogo verdadeiro e humanizador só é possível no amor, porque “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. (Freire, 1987p.45) O diálogo está contido no amor, na amorosidade. Mais do que isso, o diálogo é amor, amor corajoso, empático e comprometido, assim:

Sendo fundamento do diálogo, o amor é também diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, porque é um ato de coragem, nunca de medo. O amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 1987p. 45).

A prática educativa sob o fundamento do amor requer do professor outra habilidade, tão essencial quanto o diálogo: o exercício da humildade. Porque a “A humildade exprime, [...], uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém” (Freire, 1996 p. 76) É a humildade que me leva, enquanto professor, a respeitar as diferenças, a respeitar o outro, suas peculiaridades e diferenças e, assim, respeitar o saber do educando, seu conhecimento, sua cultura, sua “leitura do mundo”, considerando que o próprio ato de amar é por si só arraigado de ousadia (luta), afinal é preciso coragem para amar, “sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão, de anticientífico.” (Freire, 1997 p. 8).

Iniciei meus trabalhos como professora na Escola Municipal Patrick Marchon Portal no ano de 2006, após prestar concurso público. Havia passado por um breve contrato no município em que resido e levava grandes expectativas começar essa nova fase. Assumi uma turma do primeiro ano de escolaridade, também conhecida como classe de alfabetização. Deparei-me com uma realidade tão diferente daquela que via nos livros: crianças pobres, sujas e famintas. Famílias analfabetas, cobranças por resultados de todas as partes. Nada disso me assustou, fui disposta a fazer a diferença na vida de meus 26 alunos.

A cada avanço, cada conquista de meus pequeninos, cada gesto, cada olhar, cada cartinha, meu coração se alegrava, eles faziam tudo fazer a pena: as dificuldades como acordar de madrugada para pegar uma condução, o baixo salário, a infraestrutura ruim de nossa escola... E ao conviver com eles percebi que, não somente eles eram transformados por mim, mas eu era transformada por eles.

Ao contrário dos conselhos que recebia de minhas colegas mais experientes, não precisava gritar com eles, ameaçá-los. Fui aprendendo que, conversando a gente realmente se entende e, embora pequenos, eles assumiam a responsabilidade da classe junto comigo.

No ano seguinte, permaneci atuando na alfabetização e meu trabalho começava a ganhar destaque. Recebi de presente meu maior desafio como professora, até hoje naquele ano, M*, meu “aluno-problema”, como veio rotulado até a mim: nove anos, negro, pobre,

repetente. Pai alcoólatra que agredia a mãe. “Não aprendia e não queria nada com a hora do Brasil!”, como me diziam.

Não considerei nenhuma das falas que me impuseram a respeito dele. Confesso que senti um pouco de medo, mas meu maior medo era o de não amá-lo, de não vê-lo e tratá-lo com um ser humano. Apesar das coisas horríveis que diziam sobre ele, pra mim ainda era uma criança, com direitos e deveres.

Meu primeiro contato com M*, não foi nada fácil! Ele já aparecia me desafiando, ameaçando os alunos, que por estarem na faixa etária correta para o ano, eram menores e, conseqüentemente, mais fracos do que ele. Fui xingada por palavrões que sequer ousaria pensar, quem dirá dizer, por essa criança, logo na primeira semana de aula. Já havia perdido a paciência e a insegurança de demonstrar não ter o tal “domínio de turma”, que tanto me era cobrado, perdi o controle: gritei com ele, encurrelei-o num cantinho fora da sala e o ameacei. Para minha surpresa, ele não se importou. Já estava mais do que acostumado a esse tipo de abordagem. Vim embora e, ao descer do ônibus, ainda no caminho de casa, comecei a chorar com meu esposo. Sentia-me fracassada, a pior professora do mundo. Ali, na minha fraqueza encontrei a força de que precisava. Busquei nos céus o socorro de que precisava e, no dia seguinte estava em sala de aula novamente. Meu coração batia tão forte, que pensei não conseguir aguentar. Recomecei tudo, mudei minha maneira de tratar M* e, à medida que demonstrava respeito por ele, recebia o mesmo de sua parte. Ele não deixou de fazer suas “bagunças”, entretanto agora, sabia o momento de parar. Elogiava suas conquistas, dizia-lhe “não” com firmeza quando necessário. Reafirmava constantemente a fé que tinha em seu potencial e, se algum conflito acontecia, parava tudo, levava-o para fora da sala, conversávamos. Enfim, foi um dia de cada, vez. Calma, paciência, esperança, fé e muito, muito, muito amor.

M* aprendeu a ler, parou de gerar problemas na escola. Numa tarde, fui chamada em minha sala, pois alguém da Secretaria de Educação queria falar comigo. Era a psicóloga da Rede, curiosa por conhecer a professora que “dera jeito” no “pior” aluno do município. Ao me ver, ainda nos meus 21 anos percebi sua expressão de surpresa, que veio acompanhada de sua fala “Mas você, é tão novinha! Pensei ser uma professora mais velha, um general!”. Fui indagada sobre a “técnica” que usei com ele. Para sua decepção, não havia técnica nenhuma, assumi o risco de amá-lo, de não discriminá-lo, de acreditar nele. Minha resposta transformou completamente sua expressão e embora satisfeita com os resultados, demonstrava frustração por ouvi-la “Não fiz nada, orei e busquei em Deus, sabedoria para lidar com ele.”.

O ano terminou, M* passou “apto a cursar o ano de escolaridade seguinte”. No ano de 2008 minha filha nasceu e só retornei no final do ano. Voltei a assumir regência de turma em 2009. Nesse ano trabalhei numa classe com 33 alunos, sendo uma delas deficiente visual. Fiquei sem o auxílio do professor-guia. Mais uma vez o amor e a fé em minha profissão me fizeram avançar com meus alunos. A essa altura, meu trabalho já era conhecido, fui convidada para trabalhar com as classes de reforço, que atendia aos alunos com distorção série-idade. Alunos rotulados, repetentes, sem acreditar neles mesmos. A justificativa da coordenadora do programa na Rede para meu convite foi o de que o meu “perfil amoroso e comprometido” era do que esses alunos necessitavam.

Sempre acreditei em meu trabalho. Em 2010 fui grevista, na primeira greve do município. Conversei com meus alunos antes da greve acontecer. Expliquei-lhes que todos temos o direito a condições melhores. Recordo-me da minha fala “Vocês têm direito a um lápis de cor de melhor qualidade, a uma merenda melhor. Ninguém está fazendo favor quando fornece isso pra vocês na escola. Esse dinheiro vem dos impostos que o papai e mamãe pagam toda vez que compram alguma coisa...” Foi interessante o apoio deles. Os pais me apoiaram, pois, informei-lhes respeitosamente o motivo da greve. Após esse acontecido, quando já havíamos retornado às aulas, com todo um calendário de reposição de aulas, vi uma das minhas alunas, com apenas seis anos de idade dizer a uma das funcionárias de nossa

escola que se negava a fornecer-lhe um material, dizer-lhe que era direito deles receberem esse material. Percebi ali, que havia semeado neles o direito à luta.

Nunca temi represálias políticas, apesar de atuar num município interiorano, onde todos se conhecem. Vi muitos de meus colegas temerem perder suas horas-extras que complementavam seus salários e, por isso não questionarem, não lutarem.

Uma vez, recebemos a visita do prefeito em nossa escola, após uma “reforma”, para inauguração. Na época, minha sala tinha buracos enormes no chão, em que as crianças tiveram de aprender a vigiar para que os pés das carteiras não caíssem e eles tombassem no chão. O prefeito entrou em nossa sala e não foi recebido com a mesma disposição de outras colegas. Ao sair de nossa sala, meus alunos questionaram “Que reforma, se nossa sala está cheia de buracos?”. Após muita insistência, os buracos foram tapados na reforma do ano seguinte. Freire (1996) postula que educar é um ato político! Um professor jamais pode deixar de lutar, pois essa é inerente à educação que liberta e transforma.

Mediante o estudo feito acredito que ser professor, numa perspectiva freireana, um ato de imensa coragem. Coragem para acordar todos os dias convicto que toda luta e transformações na sociedade perpassam pela Educação e sem a amorosidade, esta fenece.

Conclui-se então que ser um professor amoroso implica numa relação dialógica horizontal, em que me permito o direito de reconhecer, humildemente, que não sei tudo, que meu aluno tem muito a me ensinar, como M* e tantos outros, que passaram pela minha vida, sempre fazendo de mim não só uma educadora, mas um ser humano melhor.

Como professores necessitamos acreditar naquilo que fazemos, precisamos, todos os dias recuperar minhas identidades e não permitir o desprestígio que a profissão sofre na atualidade. Ser professor cuja prática docente ousa ser amorosa não é algo fácil: implica em considerar os valores, resgatando-os quando, na caminhada eles se perderem.

A escola é, sobretudo, um lugar de gente. Gente com sentimentos, gente com vontades, com desejos e aspirações. Gente que sonha que geme, porque é gente. A prática docente amorosa resgata o “ser gente” em nossas escolas e, para tal, precisamos ter a esperança de que aquilo que fazemos se, alinhado a um bom preparo técnico, à humildade, à dialogicidade e à luta pode sim, transformar nossa sociedade tão egoísta e capitalista numa sociedade mais justa e melhor, não para um ou outro grupo, porém para todos. Sonho e utopia para alguns, para mim, essência da prática educativa amorosa e libertadora.

Referências

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____, *Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar*. 15 ed. São Paulo: Olho D’água, 1997.

_____, *Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução à teoria de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____, *Escola é.[s.d.]*. Disponível em:

<<http://www.umdoistres.com.br/escolas/joseaugustoribeiro/paginas/A%20Escola.htm>>. Acesso em 08 de outubro de 2013.

Hoffmann, Jussara. *Avaliação: Respeitar primeiro, educar depois*. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

Rosevere, M.H.M. *Escola de valor: Significando a vida e a arte de estudar*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

Rodovia RJ 140 – Km 05 – Condomínio Residencial Olga Diuana Zacharias. Rua Dos Crizântemos, nº 37 – lote 38 – quadra 08 – Campo Redondo – São Pedro D’Aldeia – RJ – CEP: 28940000 – Brasil. Tel: 022 26218563 – e.mail: jau.f.cruz@hotmail.com